



O Estado de São Paulo – 17 Fev 2004

## **Investidores jogam tudo por novo modelo elétrico**

**Tese é que proposta do governo vai contra objetivo de baixar tarifas e garantir abastecimento**

Numa das últimas cartadas para alterar as regras do novo modelo elétrico, previsto para ser votado hoje no Senado, representantes e investidores de energia estamparam ontem nos principais jornais do País alertas sobre a possibilidade de uma séria crise no setor. Para eles, a proposta do governo vai contra os objetivos de promover baixas tarifas para o consumidor, segurança no abastecimento de energia e atração de investimentos. Segundo o presidente da Câmara Brasileira dos Investidores em Energia Elétrica (CBIEE), Claudio Sales, a expectativa é sensibilizar os parlamentares para as alterações sugeridas pelos vários participantes do setor.

As mudanças constam de uma agenda mínima entregue ao relator da MP, no Senado, Delcídio Amaral (PT-MS), mas que não agradou muito a ministra de Minas e Energia, Dilma Rousseff. O documento propõe 12 mudanças, que tornariam o modelo um pouco mais aceitável. Entre as sugestões está a garantia de repasse do custo de aquisição da eletricidade para os consumidores finais e a definição da fonte de recursos para a universalização dos serviços de energia.

Pressões à parte, a questão é que as projeções para o setor elétrico não são nada otimistas. Com a falta de novos projetos de geração, a possibilidade de uma futura crise de abastecimento é cada vez maior. Segundo dados da Delta Comercializadora de Energia, considerando a entrada de novas usinas no sistema e a sobra de energia existente no mercado, o sistema conseguiria suprir o consumo até 2007. A partir daí, a expectativa é que a oferta seja superada pelo consumo de eletricidade no País.

Desde o racionamento, o consumo de energia no País continua em níveis abaixo de 2000, o que provocou uma sobra de aproximadamente 7 mil megawatts (MW) de energia no sistema interligado. Em 2003, até novembro, o consumo de eletricidade havia crescido uma média de apenas 4,7% em relação a 2002, que foi bastante baixo. Os números, no entanto, foram influenciados pela demanda mais forte da classe rural. No setor industrial, o consumo avançou apenas 2,2%, evidenciando a baixa atividade econômica do ano passado. O consumo residencial subiu 6,3% no período.

Na avaliação dos especialistas, se o Brasil voltar a crescer a taxas sustentáveis de 4% ao ano, a capacidade instalada do sistema elétrico não conseguiria suprir a necessidade do País. A preocupação baseia-se no fato de que várias usinas hidrelétricas licitadas pelo governo ainda não iniciaram as obras, seja por causa de revisão de investimentos ou por problemas ambientais. Segundo dados da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), de um total de 48 usinas licitadas, 31 estão com o cronograma atrasado.